

OS PIONEIROS

Oscar Niemeyer — Eu me lembro quando estávamos em Brasília, na modesta contribuição que nós demos. Era um grupo entusiasmado, que se aborrecia, ficava chateado com as notícias que surgiam de crítica a Brasília. Nós estávamos numa cruzada: era preciso fazer a nova capital. Nós estávamos entusiasmados. Trabalhávamos juntos: engenheiros, arquitetos, operários. Nos esquecemos até da discriminação social que existia. Nós nos vestíamos igual, comíamos no mesmo restaurante. Parecia que o mundo tinha mudado um pouco.

Dona Maria, moradora da Candangolândia

Tânia Quaresma — Dona Maria, quando a senhora chegou aqui?
D. Maria — Cheguei em 1958, no mês de julho. Morei no Núcleo Bandeirante uns quatro meses, depois vim morar nas barracas de Iona, aqui na Candangolândia. Ai comecei a dar aulas de catecismo junto com as Irmãs Pioneiras. Ficava dando aula, dando aula, levava as crianças para aquela Igreja lá de cima. Minhas crianças eram só homens, uns 45 a 50 meninos.

Tânia — Por que a senhora veio para cá?

D. Maria — E porque todo mundo estava vindo, não é? Surgiu a notícia de que iam fazer a capital aqui no Planalto. Então todo mundo vinha. Meu marido era pedreiro e ele fracassou, os negócios não vingaram.

Tânia — Onde?

D. Maria — Em Goiás, em Ceres, onde eu morei 16 anos. Mas eu sou paraibana, não sou de Goiás, não.

Tânia — Qual era a coisa mais alegre naquele tempo?

D. Maria — A coisa mais alegre? Era alegre e era penoso. Era os caminhões de candangos chegando, com aquele entusiasmo de ajudar a construir Brasília. Eu achava aquilo muito interessante, muito famoso, não é? O que eu achava triste era quando eles se machucavam. Porque os carros incendiavam, eles morriam, se machucavam e nós, as legionárias, fomos visitá-los no antigo hospital do IAPI. A gente levava terço, levava orações, e eles ali, de mãos postas. Fazia tanta dor, não é? A gente ali visitando eles, outros chegando gemendo, morrendo...

Tânia — E eles não eram bem cuidados?

D. Maria — Eram bem cuidados. Tinham o IAPI para cuidar deles. Tinha médicos, muito médico...

Tânia — O que representa sua casa e este lugar onde mora?

D. Maria — O que representa? A coisa melhor do mundo. Essa casa é que me protegeu. Eu deixei de pagar aluguel. Eu não pago aluguel deste barraco, não.

Tânia — E o que é Deus para a senhora?

D. Maria — Deus é nosso pai, nosso pai eterno, que fez tudo: o céu, as águas, os nuvens, o mar, e fez nós todos. É muito interessante, não é? O mistério de Deus a gente não entende bem. A gente não pode pensar muito nesse mistério, senão a gente perde o juízo, não é? (risos)

Tânia — E Juscelino?

D. Maria — Gostava demais dele. Ainda hoje eu rezo pra ele e ele está nos ajudando. Pois foi ele que fundou Brasília, não é? Agora, Dom Bosco sonhou com Brasília, não é? Eu não sei contar direito. Mas eu sei algumas coisas. Ele sonhou chegando ao Planalto e vendo aquele Planalto muito bonito, onde seria construída a nova capital da República. E aquilo foi passando, passando, até que aconteceu.

D. Bila, moradora da Candangolândia

D. Bila — Eu cheguei em 1957, viu? Eu saí da minha terra porque lá não dava mais pra viver. Eu tinha um filho com 16 anos, e eu não queria ver ele criado lá do jeito que eu via o modelo do povo.

Tânia — E onde era?
D. Bila — Na Paraíba.
Tânia — E como era modelo do povo?

D. Bila — O modelo do povo era à base de revólver, na feira, fazendo tanta bagunça e eu não queria ver meu filho criado naquelas condições. Eu queria criar meu filho como ele foi criado aqui: um homem direito e educado, graças a Deus. Não é doutor, não, mas é um grande homem, graças a Deus. Quando eu cheguei aqui era véspera de Natal. Vimos de ônibus. Foram onze dias de viagem. Não tinha nem estrada direito. Fiquei em Goiânia três meses, porque aqui ainda não entrava família. Meu marido e meu filho vieram para cá primeiro. Eu chorava noite e dia, minha filha, por causa das notícias que eu sabia daqui.

Tânia — O que elas diziam?

D. Bila — Diziam que aqui mata-vam, roubavam. E eu ficava muito perturbada. Ai meu filho comprou o barracão de um homem que tinha ido embora pra Goiânia, um comodinho de Iona. Ai ele foi me buscar. Foi a maior alegria que eu tive na vida. Chorava ele e chorava eu. Eu nunca me separei de meu filho. No dia seguinte em que cheguei já assisti missa lá na Igreja que havia naquele morro, onde hoje tem o posto da Petrobrás. Assisti à missa de Natal ali. Nossa casa era perto de uma bica, e saímos dali para que eles construíssem aquele viaduto. Ainda não tinha aquela estrada do Núcleo Bandeirante, não estava asfaltada. E pra fazer o viaduto, tiraram nós de lá. Minha casa ficava no lugar onde construíram o viaduto.

Tânia — E quem deu o nome de Candangolândia?

D. Bila — Foi o povo que inventou, pois só morava candango aqui.

Tânia — Mas, no começo, que nome tinha?

D. Bila — Vila Operária. Começou como Vila Operária, depois é que mudaram para Candangolândia, como está até hoje.

Os depoimentos que publicamos hoje fazem parte do quinto programa da série de vinte que compõem Os Pioneiros, uma realização do grupo de produção independente Cabeças e que está sendo exibido todas as quartas-feiras pela TV Nacional, sempre no horário das 21:15 h, contando a história de Brasília. Nos depoimentos de hoje, estão as memórias e observações de muitos pioneiros de origem humilde que habitaram uma das primeiras povoações da cidade, a Candangolândia. Também o fotógrafo Rui Faquini e a assistente social Olga do Nascimento Monteiro falam da Brasília que ambos conheceram em seus primeiros momentos de construção. Hoje, pela TV Nacional, será exibido o sexto episódio de Os Pioneiros.

“Parecia que o mundo tinha mudado”, O.N.

D. Maria — (interrompendo a conversa) — Esse lugar aqui começou como Candangolândia. E depois que aquela Igreja...

D. Bila — Mas em meus documentos todos, ficha de hospital etc., consta Vila Operária. Depois é que mudou para Candangolândia.

D. Maria — Não, começou como Candangolândia, porque era onde os candangos moravam. Depois que esta Igreja aqui ficou substituindo a

Igrejinha de Nossa Senhora Aparecida (que ficava perto do atual posto da Petrobrás), aqui passou a se chamar Vila Operária. A Igreja daqui é a primeira Igreja de Brasília. Então, aqui passou a se chamar Vila Operária — Candangolândia, Vila Operária — Candangolândia.

Tânia — Então ficaram os dois nomes...

D. Bila — E, os dois nomes. Deixa... Todo mundo talava que não era pra ficar aqui, que isso aqui não era definitivo, era da Novacap. Depois a Fundação Zoológica tomou conta, não é? Nós entramos aqui num terreno da Novacap. E o Jardim Zoológico também participava disso. O Zé Augusto, que era o chefe, falou pra nós: “Vocês vão ficar aqui mas não temos certeza se vão ficar em definitivo. Porque o terreno é da Novacap, e do Jardim Zoológico também”. Hoje mesmo teve um pessoal aqui. Sal, não sei... Eu mesmo sou uma que não pode sair daqui. O meu marido morreu. Não tenho recurso para pagar casa, não é? Morrendo ou vivendo, o recurso é ficar aqui na Candangolândia. A minha casa eu comparei ela com o céu. Tem a casa do meu filho, mas eu não quero deixar meu barraco pra ir pra casa de meu filho. Minha casa tem tudo. Você estando dentro de sua casa você tem tudo, todos os direitos. Tem muita coisa boa dentro da casa da gente.

Sr. Gaudêncio morador da Candangolândia

Tânia — Agora vou perguntar uma coisa ao Sr. Gaudêncio. Qual é a diferença entre a Velhaca e a Candangolândia? Porque não é uma coisa só?

Sr. Gaudêncio — Antigamente era comum. Depois dividiu. Destruíram as benfitorias que tinha lá em cima. A Novacap se mudou, então ficou tudo desmantelado. Ai ficou chamando Velhaca.

Tânia — Quem morava lá em cima?

Sr. Gaudêncio — Antigamente, engenheiro, doutor, tudo era lá.

Tânia — As benfitorias eram aonde?

Sr. Gaudêncio — Tudo junto lá no Departamento de Transporte, onde nós trabalhávamos. Lá é que nós recebíamos pagamento...

D. Bila — Ali era a caixa de receber. Era um mundo de gente pra receber.

Tânia — Porque só tinha benfitoria lá em cima e aqui em baixo não?

Sr. Gaudêncio — E porque lá em cima é que eram as coisas de grande necessidade. Aqui era só trabalhador, não é?

Tânia — E trabalhador não precisa dessas coisas?

Sr. Gaudêncio — E, mas pelo menos é mais esquecido que a força maior, não é?

Tânia — Qual era o divertimento de vocês aqui?

Sr. Gaudêncio — O divertimento é que aqui tinha muito conforto pra nós, o que hoje não tem. Tinha mercado, acougue, farmácia. Nós tínhamos tudo aqui, hoje não temos nada. Tinha festa. Pagava a pena fazer uma festa e hoje não adianta, pois só acaba em briga. A gente tocava sanfona, violão, era bem acompanhado. Todo mundo unido. Não tinha briga. Todo mundo brincava e bebia a noite toda e só havia pequenas diferenças

um com o outro.

Tânia — Por que o senhor acha que há tanta diferença entre ontem e hoje?

Sr. Gaudêncio — Tem, tem. Porque naquele tempo essa modernidade de hoje era pequeninha e a modernidade de hoje está muito elevada. Naquele tempo era bom em tudo por tudo, porque a gente ganhava pouco mais era um pouco que valia por dez tantos do que a gente ganha hoje. Todo mundo tinha condições de comer bem, se vestir bem e hoje não tem.

Tânia — Qual é seu sonho?

Sr. Gaudêncio — Meu sonho é de sempre Deus me ajudar que cada vez mais tudo melhora. Essa esperança eu tenho. A melhor coisa que poderia me acontecer é eu ganhar uma casa, porque não é possível trabalhar tanto, — já vou fazer 26 anos de carteira assinada — e ainda morar num barraco. Quem chegou por último levou mais vantagem do que nós que chegamos primeiro. Estamos todos esquecidos até hoje. Vinte e seis anos não é vinte e seis dias.

Rui Faquini, fotógrafo

Tânia — Conta como você veio pra cá e por quê?

Rui — A razão é aquela, não é? O Juscelino veio para Goiás. O primeiro comício dele foi em Jataí. Eu era menino e no outro dia o meu pai estava comentando sobre o comício dele: “E, se esse homem conseguir mesmo transferir essa capital para cá, um coco de bacuri vai valer um milhão”. E ficou essa coisa na cabeça da gente, Juscelino, esse negócio. E, de repente, Brasília começou a cair literalmente na cabeça da gente. Meu ângulo de ver Brasília talvez seja único porque eu era da região, não é? Nasci aqui. Digo “eu era” porque hoje em dia não sou mais. Então, juntou esse choque cultural fantástico, os anos 50, os anos JK, minha idade — eu tinha 14 anos — e ai comecei. Por conta própria fui a um deputado, e pedi a ele que me ajudasse a ir para um cidade grande para estudar. Nessa época eu morava em Turvânia, uma cidadezinha pra lá de Goiânia. E só tinha feito o grupo escolar. Ai fui para Anápolis, onde trabalhei numa fábrica de vasos-soures. Fiz admissão ao ginásio e não deu outra: tive que vir para Brasília. Peguei uma malinha, um sapato velho e duas calças e cheguei a Brasília de ônibus. Engraçado que a gente só chegava. Aquele clima, aquela coisa de louco: foi em 1958. Eu dormi dentro do ônibus na primeira noite. Queria conhecer o Palácio da Alvorada. Vim a Brasília para conhecer o Palácio da Alvorada: eu tinha que vê-lo de qualquer maneira.

Tânia — O que se falava de um palácio no meio do cerrado?

Rui — Era a alvorada do mundo, esperança de todos nós, não é? Era a coisa mais importante do mundo. Tinha muitas histórias. Diziam que era um palácio de mil andares, que tinha vidros ofuscantes. Um folclore incrível sobre o palácio. De forma que eu tinha 40 mil-réis no bolso e tinha que ir de ônibus ao palácio. Eu preferi não comer o pastel de manhã e pegar o ônibus, que custava 40 mil-réis, para ir ao palácio. E eu tinha um plano: eu ia conversar com o motorista, com o cobrador para arranjar um emprego no ônibus porque eu ai eu poderia ver o palácio quantas vezes quisesse. Era tudo muito fácil demais. Qualquer coisa que você quisesse fazer podia. Sei que esse ônibus que apareceu não era o que ia para o Palácio da Alvorada e fui para lá na Velhaca. Quando eu desci do ônibus no meio daquela quantidade de gente, eu não sabia onde estava. Mas dentre as pessoas que desceram do ônibus havia uma senhora que conhecia minha mãe. Ela me convidou para ir para sua casa. Ai fui morar com ela lá na Candangolândia, nas “Dez Mais” (N.T.: Conjunto de casas ainda existente na Candangolândia). Dez dias depois, eu já estava trabalhando na Novacap. Minha função era boy. Eu limpava as mesas, pois os escritórios eram muito empoeirados. Então havia uns meninos só para limpar as

mesas. O dia inteiro limpando. Era uma grande nuvem de poeira. A visão mais fantástica de Brasília talvez tenha sido essa enorme nuvem de poeira. Depois que arranjei o emprego, fui morar num alojamento de funcionários solteiros. Era muito engraçado: geralmente eram quatro em cada quarto. E tudo pago pela Novacap: roupa limpa, água quente, tudo legalzinho. Era muito bom. Status, na época, era conseguir um alojamento desses. Eu consegui e fiquei feliz demais. Morava lá, estudava no Núcleo Bandeirante e chegava tarde da noite. A gente vinha no ônibus e o motorista anunciando aos gritos: IAPI, IAPETEC etc.

Uma das coisas mais engraçadas era o fato de não ter mulher na cidade. Não tinha mulher, ninguém queria ser o primeiro a trazer suas mulheres para cá, e quando aparecia uma história, uma piada, era sempre versando sobre isso. Dizia-se que o Juscelino transportava muitas mulheres para cá, que toda noite vinham mulheres para os amigos do Juscelino etc. Enfim, essas e outras histórias corriam no nosso meio, de funcionários de baixo escalão. Eu, muito menino, mas muito vivo, muito interessado, muito alegre, me dei muito bem. Era uma época de extrema felicidade. Não tinha crime nem muita violência. Até que chegaram as mulheres, as primeiras famílias vindas do Rio e de São Paulo. Em 1960 é que realmente começaram a chegar as famílias. Ai começou uma onda de violência generalizada na cidade. Essa violência era importada, por causa dos anos 50. James Dean, aqueles baratos todos. Aqui ela não tinha muita razão de ser porque o pessoal se via privado de tudo, de conforto, de mulher, e tudo. E ganhava-se muito dinheiro. Mas havia um choque cultural muito sério: os rapazinhos que vinham do Rio, filhos de deputados, de altos funcionários, e aqueles jovens da região, como eu, por exemplo, que de repente se encontravam no mesmo colégio, o velho CASEB, Elefante Branco etc. Essa mistura virou na época um pampelo danado, porque tudo era permitido e tudo era proibido. Era uma época de grande contradição, porque era tudo reprimido. Havia as festas em que a gente quebrava tudo. Tinha cenas que ficaram famosas na cidade. Essa violência branca, não é, um menino que brigava com outro e que degenerava numa briga de turmas de quadras. Uma vez eu fui atacado por vinte caras, que me jogaram um pó estranho e me fizeram caminhar pela W-3 me jogando o tal pó. Não me bateram, não. Depois peguei minha turma e fiz a mesma coisa.

Tânia — O que é Brasília pra você, hoje?

Rui — Brasília não me toca, não me atinge enquanto comunidade, enquanto cidade. Enquanto projeto ela me atinge, até me fere. Quer ver uma coisa? No dia da inauguração da cidade sai do meu alojamento a pé, porque não tinha ônibus, estava uma confusão danada. Fui para a Rodoviária assistir à inauguração de plataforma rodoviária. Lá eu comia pastel, bebia caldo-de-cana e fiquei três dias rondando por ali. Havia uns apartamentos que ficaram abertos, com colchões, e eu ocupei um na 105 Sul, um apartamento de quatro quartos, e por lá fiquei. Tinha sempre a possibilidade de pintar uma mulher, não é? Bom, me lembro de uma ceia que me fez chorar muito por dentro. Eu estava andando a pé e junto comigo uma fila de carros pretos com chapa diplomática. As pessoas vestidas para as solenidades de inauguração. Houve um engarrafamento qualquer e passei ao lado de um carro que tinha um pessoal rindo, fazendo chacota e reclamando da poeira. Falavam que o Juscelino era maluco, que aquilo tudo era uma delírea etc. Aquilo me doeu muito. Porque Brasília tinha sido feita por mim para dar de presente para esse pessoal. Era assim que o pensamento fluía naquela época, entendeu? O humilde estava ao lado de Juscelino fazendo um presente que ele ia dar para alguém. Era uma coisa assim. E o pessoal não estava dando valor, preocupado com a poeira etc. Era a coisa mais cara, mais

importante, mais maravilhosa que já se fez.

Uma Moradora da Candangolândia

Foi aqui que começou Brasília. Aqui vinha Juscelino com o povo. Dizem que a fila começava lá na frente (N.T.: refere-se ao restaurante do SAPS, perto do qual a entrevistada reside). Ele descia com o povo para comer. Olhe ali o resto da máquina de cozinhar, descascar batatinha.

Os restos mortais estão ali atrás. Era aqui que ele vinha dar de comer aos peões de Brasília. Eu não estava aqui, mas o meu irmão me disse que ele vinha aqui dar de comer pra eles. Tudo isso aqui era uma casa. Aqui era um galpão imenso, onde todo mundo comia. Diziam que quem trazia um prato e um garfo comia.

Tânia — Quem mora aqui hoje?

Resp: A Gercina, Maria, Fátima e Tânia. Ali mora a Rosário e logo ali a Dona Bárbara.

Tânia — Como é que vocês vieram morar aqui no antigo restaurante do SAPS?

Resp: Nós viemos morar aqui porque meu irmão veio na frente. Quando eles, meu irmão e um cunhado, chegaram, melhoraram de vida. Um foi morar no Núcleo Bandeirante, outro foi para o Gama e nós, que viemos por último, ficamos no lugar dele. Pronto.

Tânia — E vocês gostam de morar aqui?

Resp: Eu acho muito bom. Acho que é o melhor canto de Brasília aqui. Não sei se é porque foi aqui que Juscelino começou, não é? Pode até ter sido a felicidade dele que ele deixou aqui, não é?

Olga do Nascimento Monteiro (1ª assistente social de Brasília)

Eu sou Olga do Nascimento Monteiro, filha de tradicional família goiana. Em determinada época para surpresa de meus pais, eu, que era uma moça muito sociável, freqüentava a sociedade como todas as moças, de repente me senti chamada para uma vocação diferente, a vocação religiosa. Eu tinha contato com a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado e fui para Campinas, em São Paulo, onde era a sede da congregação. Em Campinas, fui convidada a continuar os estudos, pois não havia feito faculdade em Goiás. Optei pelo curso de Serviço Social. Nessa ocasião, em 1957, estava acontecendo o grande fato esportivo há muito tempo pelos brasileiros, que era a mudança da capital para Brasília. Estava tendo início a construção, no centro do Brasil, da futura capital do país. Por escolha da Madre Geralda, que era de Goiânia, fui indicada, por ser pessoa que satisfazia as necessidades do trabalho da congregação em Brasília, a vir para cá. Então ficou combinado que no dia 15 de setembro as irmãs poderiam vir, quando os alojamentos já estariam prontos. Foi toda uma epopéia até que o alojamento ficasse em condições. As irmãs, duas, que vieram para preparar nossa vinda lutaram com muita dificuldade, mas finalmente instalaram um alojamento que era daqueles próprios para os engenheiros. Uma parte do corredor foi fechada e metade ficou para residência das irmãs e das professoras. Nesse meio tempo, veio o chamado para que eu viesse imediatamente para Brasília. A Novacap me mandou uma passagem de avião. Naquele tempo as comunicações eram através de rádio e recebi um rádio com a convocação e as irmãs que já estavam em Brasília, inclusive a Madre Geralda, estariam me esperando no Aeroporto. Mas se não estivesse, que eu tomasse um ônibus. Ai foi o impacto da chegada. Eu nunca tinha morado numa casa de madeira, nunca tinha entrado numa casa de madeira. Foi uma experiência maravilhosa para mim. A gente, com o espírito muito desprendido de tudo, queria realmente se identificar com o modo de viver do pessoal daqui. Ai foram me expli-

Foto de Marcia Macedo



D. Maria, rezando com fé em Deus e não pensando muito nos mistérios da criação, “para não perder o juízo”

cando: ali moravam os diretores mais graduados, dentre eles o Dr. Bernardo Sayão, que não quis morar nas granjas e que tinha preferido morar ali junto com o povo com o qual ele trabalhava. Um pouco adiante, uns quatro ou cinco alojamentos iguais aquele em que eu estava morando, eram as residências dos engenheiros e funcionários. Mais distante um pouquinho, algumas casas, menores, de outros funcionários da Novacap. E mais em cima, o grande escritório da Novacap, de madeira, muito interessante, muito original. Não sei se ainda existe hoje. Em frente, havia uma casa menor, que era a sede das Pioneiras Sociais, e as casas que abrigavam o setor policial, de saúde, ali junto ao escritório. E o restaurante do SAPS, que era onde os operários tomavam refeições e um outro restaurante para os engenheiros e funcionários mais graduados. Ai procurei saber onde seria nosso local de trabalho. Então, a Madre Geralda me explicou que, inicialmente, nossa atuação deveria se concentrar no acampamento dos operários, a chamada Vila Operária, de operários da Novacap, acampamento que depois de chamou Candangolândia. Porque eram chamados candangos todos os que vieram inicialmente para Brasília. Uns achavam pejorativo, outros gostavam desse apelido. Então eu perguntei: se vamos trabalhar com os candangos, por que não morar na Vila Operária, junto com eles? A administração da Novacap, disseram, não achou isso bom porque queria que as irmãs trabalhassem também junto às senhoras, dinamizando mais a associação das Pioneiras Sociais, que tinha sido criada no Rio por D. Sarah Kubitschek, e tinha sido recém-criado um núcleo em Brasília, sob a presidência de D. Coracy Pinheiro. Mas eu continuei pensando assim. Saindo do escritório da Novacap a gente via uma construção de madeira, muito bem feita, em fase de término de construção. Era o primeiro grupo escolar que estava sendo construído para os filhos dos funcionários da Novacap. Esse grupo recebeu o nome de Julia Kubitschek, em homenagem à mãe de JK, e que havia sido professora por muitos anos em Diamantina. Era uma construção de madeira muito bem feita, toda pintadinha, com um belo playground para recreio das crianças. Precária, no sentido de que era provisória, mas com todo o conforto que a época e o local permitiam. Chegamos à Vila Operária. De início, os barracos de madeira, bem construídos, com telhados de zinco, onde residiam as famílias dos operários. Próximo do riacho, ainda vimos alguns barracos de Iona e fomos informados que era assim que, inicialmente, os operários moravam, enquanto se construíam os barracos de madeira. Isso fez com que a Vila inicialmente se chamasse Lonópolis. Depois, gradativamente, a Novacap foi substituindo os barracos de Iona, que eram guardados para a eventualidade da chegada de alguma família. A vida dos operários era muito intensa. A gente via os caminhões cheios de operários indo e vindo, pois as obras que estavam construindo eram distantes da Vila Operária. As mulheres ficavam em casa e geralmente lavavam roupas para os operários que eram solteiros. As crianças brincavam por ali. Nós éramos conhecidas na Vila Operária como Irmãs Pioneiras, porque não trabalhávamos com Pioneiras Sociais, principalmente a Irmã Terezinha de Jesus Prudente. Ela e eu éramos os protótipos das Irmãs Pioneiras, pois tínhamos mais contato com a população de Brasília. A população da Vila Operária a gente via retratada nas crianças, nos jovens, nas mães, nos pais, que, embora vivendo ali precariamente naqueles barracos de madeira, provisórios ainda, tinham uma esperança muito grande. Brasília era um Eldorado. Então eles pensavam que iam realizar em Brasília todo o seu ideal de vida, tanto no aspecto da educação, da saúde, e no aspecto profissional, e sentiam aquele orgulho de estar ajudando a construir Brasília. O plano da Novacap era o seguinte: inaugurando o Plano Piloto, com a mudança dos escritórios para o Plano Piloto, os operários da Novacap receberiam apartamentos nas quadras 400 que, de acordo com o plano inicial, eram de um tipo mais popular, para essa população operária. E, posteriormente, dando agora um salto na história, eles receberiam os apartamentos, mas o poder aquisitivo não lhes permitiu viver ali, por causa das despesas com condomínio, água, de tudo. Assim constatamos no decorrer de todo o nosso trabalho, que essa população que a gente conheceu inicialmente na Vila Operária, nos alojamentos, nos acampamentos das várias firmas construtoras, nos paus-de-arara que chegavam e que nós acolhíamos, essa mesma população nós iam encontrar em invasões que eram formadas posteriormente e que originaram as várias cidades-satélites. Então, uma porcentagem muito grande daqueles pioneiríssimos de Brasília estava em condições piores que as iniciais, nessas condições-satê lites ou nessas invasões. Nós trabalhamos vários anos em Brasília e no início nós tínhamos realmente todas as condições para minorar um pouco essas dificuldades. Com a inauguração de Brasília, o ritmo da construção civil diminuiu, quase ficou paralisada. Veio, então, uma crise de desemprego em massa da população. E essa é que seria a época mais difícil. Nós, que sonhamos juntos com aqueles operários, de ter uma vida melhor aqui em Brasília, nós estávamos constatando que para muitos deles a situação estava pessima e nós mesmos aconselhávamos a uma infinidade deles retornar para seu lugares de origem. E alguns retornaram e nós pudemos auxiliar. Mas depois, o número de pessoas sem recursos para retorno, sem condições de manutenção, sem condições de trabalho, foi tão grande que eu, que já havia vivido muito intensamente a vida do candango em Brasília, me senti desesperada, emocionalmente mal, e já não me sentia mais com coragem para trabalhar em Brasília sem ter mais condições de alimentar aquele ideal, aquela esperança daquelas famílias todas.